

GUERRA REVOLUCIONÁRIA

AURÉLIO DE LYRA TAVARES

Além das guerras convencionais, emerge hoje, no campo das lutas, a guerra revolucionária. Antes do assalto final e ostensivo ao poder, para a implantação de um regime comunista, ela procede por fases, que procuram situar-se dentro dos quadros da legalidade. Seus efeitos sobre o organismo nacional são camuflados sob a denominação de crises esporádicas, a fim de não se revelarem à opinião pública como etapas bem definidas de um processo orientado. O leitor atento poderá verificar a coincidência eventual entre a técnica da guerra revolucionária e aquilo que se passa no Brasil. Talvez a análise que se segue lhe ofereça uma linha de interpretação da dinâmica brasileira e assumo para ele o sentido de um último e desesperado alerta.

A GUERRA, do ponto-de-vista técnico e jurídico, sempre constituiu um fenômeno caracterizado pela luta entre Estados, decorrente do choque de interesses entre as respectivas políticas.

Ela tem sido conduzida sobretudo no campo militar, ampliado sucessivamente para os outros campos de atividades e a todo o sistema de organização dos beligerantes até o ponto de envolvê-los como a um todo, que é o caso da guerra total de nossos dias.

Ao mesmo tempo, a ordem interna, social ou política, de cada Estado, conforme o seu grau de fortalecimento e a determinação livre dos respectivos povos, tem sofrido, por meios violentos, alterações mais ou menos substanciais,

com a modificação dos regimes respectivos, ou, simplesmente, com mudanças de govêrno. A tal fenômeno poderemos chamar de "movimentos ou de guerras internas".

Houve, ao lado disso, movimentos de caráter ideológico de repercussão mundial, como foi o caso da Revolução Francesa e, mais recentemente, a Revolução Comunista de 1917, na Rússia, e o Nacional-Socialismo, na Alemanha, cujas doutrinas atravessaram as fronteiras dos seus Estados, mas não lograram alterar substancialmente a estrutura política de outros Estados, de organização sólida.

O QUADRO NÓVO ABERTO PELA GUERRA REVOLUCIONARIA

O mundo do após-guerra apresenta uma característica nova com a marcha da guerra revolucionária. É uma guerra interna, de caráter internacional, a serviço do comunismo, cuja estratégia põe em prática novos métodos de conquista dos Estados pela ação interna de demolição e reconstrução política e social. Ela é inspirada, comandada ou apoiada do exterior, mediante a penetração clandestina ou ostensiva no organismo do Estado agredido, através de minorias trabalhadas no seio de seu próprio povo, por ações sucessivas que vão até à conquista do poder, sem excluir o recurso extremo da guerra militar, convencional ou atômica.

O objetivo principal da guerra revolucionária é, pois, a conquista do Estado através de ações internas que debilitem o seu organismo, de modo a dominá-lo, se possível, sem que se recorra à invasão do seu território e outros atos formais de agressão, tudo se passando como se se tratasse de movimento livre do seu próprio povo, embora dêe apenas participe uma pequena fração atuante e disciplinada. O importante é atingir êste objetivo, sem incorrer nas sanções internacionais aplicáveis à agressão formal, e sem alterar a posição de nação soberana do Estado, em suas relações de direito perante a organização internacional.

A mudança do regime é atribuída à vontade livre do povo, embora seja êle compelido a orientar-se segundo as normas que lhe impõe o comunismo, a cuja órbita passa a ser anexado. O fenômeno consiste em transformá-lo in-

ternamente, sem qualquer ação externa ostensiva, atuando, simplesmente, sôbre o seu próprio organismo.

O funcionamento normal do organismo do Estado, como o do homem, depende do funcionamento dos seus sistemas fundamentais e pode ser destruído por ações internas que comprometam a vitalidade de qualquer um desses sistemas: o muscular, o circulatório, o sensorial e o nervoso. Todos são interdependentes e sustentam, como elementos imprescindíveis, a capacidade de vida de todo o organismo, cujas ações e reações são comandadas, conforme o caso, seja pelo cérebro, seja pelo Govêrno.

O homem é, aparentemente, tanto mais forte quanto mais vigorosa é a sua musculatura, como o Estado é, aparentemente, tanto mais forte quanto maior é o seu poder militar, que representa, no seu organismo, papel semelhante. Mas, êste nada significará, se fôr comprometido pelo colapso dos outros sistemas, o que pode ser provocado por ações internas.

Tal princípio, aplicável à destruição do organismo do Estado, dispensa o recurso à guerra ostensiva e atinge os mesmos objetivos políticos, dentro da estratégia da guerra revolucionária. A deflagração de greves de transportes, a desorganização da produção, do comércio interno e externo, a luta do proletariado contra o patronato, podem gerar o caos econômico e paralisar o sistema da circulação das riquezas, debilitando e comprometendo o organismo do Estado, tal como ocorre com o do homem, se lhe paralisarmos a circulação. As campanhas de desmoralização do regime e da autoridade constituída, o amortecimento das virtudes cívicas do povo, do culto das suas tradições e, sobretudo, da confiança, do respeito e do orgulho pelas suas Fôrças Armadas, além da dissolução dos costumes, com auxílio da imprensa falada e escrita, comprometem seriamente o moral nacional, atuando no setor psico-social do organismo do Estado, que pode ser assemelhado ao sistema sensorial do organismo humano. Do mesmo modo, pode ser contaminado o seu sistema político, comparável ao sistema nervoso do homem, através da infiltração de elementos suspeitos, colocados, por vêzes, em posições-chave, nos

próprios órgãos do Poder Público, de modo a impedir as reações livres e autênticas do Estado diante de ameaças e perigos que ponham em risco a sua sobrevivência.

Para tudo isto, é preciso conquistar o povo, pela persuasão ou pela intimidação, dominar-lhe o espírito, lançá-lo contra a autoridade constituída, cujo enfraquecimento se procura, paralelamente. E os campos de ação mais favoráveis são os que mais diretamente interessam às atividades do Estado, sobretudo à sua capacidade de defesa.

Desde a primavera de 1944, quando já era inevitável a derrota do nacional-socialismo, a estratégia comunista retomou o processo da guerra revolucionária. Os partidos comunistas cessaram praticamente as operações contranazistas, passando a concentrar seus esforços contra os movimentos de resistência anticomunista, sobretudo nos Bálcans e até mesmo na Alemanha, através do movimento pela sua "liberação". Idêntica orientação foi adotada na China territorial. A segunda guerra mundial não estava, pois, ainda terminada, quando irrompeu esta outra, que pode ser tida como a terceira, embora inteiramente diversa, em sua natureza e em seus objetivos. O problema está em que, embora se trate de uma guerra, tem características diferentes e ainda não foi juridicamente declarada como tal. A consciência do mundo ocidental não se deu conta de que o armistício de 1945, em vez de constituir uma fronteira entre a guerra e a paz, difícil de ser traçada no mundo de hoje, marcou, ao contrário, o recrudescimento da guerra revolucionária que o ameaça e que se beneficiou, em muitos casos, das próprias circunstâncias do após-guerra.

A atitude espiritual do mundo ocidental é a de considerar a guerra do futuro em termos idênticos à última, modificados apenas nos aspectos abertos pela experiência adquirida, pelo progresso tecnológico e, sobretudo, pela bomba atômica. A chamada guerra fria e as conquistas progressivas do comunismo internacional, consideradas em cada caso como problemas regionais, embora sejam aspectos de uma única guerra revolucionária em franca evolução e devidamente planejada e executada, são encaradas como crises que cumpre contornar, em vez de serem enfrentadas como

grave realidade total, muito mais importante para os destinos do mundo do que a preparação para a guerra convencional ou a guerra atômica, cuja eclosão constitui fenômeno, se não muito improvável, pelos seus efeitos imprevisíveis e pela reação mais ativa e mais forte que provocará na consciência dos povos ainda livres, ao menos de caráter futuro, de ocorrência posterior no tempo.

Parece evidente que, para o comunismo, o mundo está em guerra, ao passo que, para os Estados Ocidentais, o que existe são crises internacionais, que cumpre resolver por meios diplomáticos e por certas medidas de segurança, ainda não colocadas em termos objetivos, em face da realidade, de modo a deter a expansão dos movimentos do inimigo. Acontece, porém, que êsses movimentos são feitos por processos inteiramente diversos dos da guerra convencional, mais pela conquista espiritual das populações, no âmbito de cada Estado, do que pelo emprêgo de armas e exércitos. A figura do combatente não é, para êle, necessariamente a do militar uniformizado que atua no quadro de uma Unidade. Também o é a do guerrilheiro, a do sabotador, a do agente sindicalizado que trabalha numa fábrica, numa usina ou numa estrada de ferro, no interior do país a ser conquistado.

Para a guerra revolucionária, o comunismo se apóia, principalmente, na inegável força das massas proletárias. O sindicato é o meio de conquistar a sociedade, orientá-la e acioná-la. Êle é, para a guerra revolucionária, um dos instrumentos principais de ação, permitindo o contrôle dos pontos sensíveis e dos órgãos fundamentais do sistema de defesa de um Estado. Também a guerra convencional atribui importância decisiva a êsse contrôle, mas a diferença está em que, para conseguí-lo, na guerra revolucionária, não há necessidade do emprêgo de forças e armas militares. O que lhe importa é conquistar para o seu serviço, através de técnicas e de organização que atuam previamente nos setores vitais do Estado democrático, o espírito e a lealdade partidária do trabalhador. Sua fidelidade deve ser levada a ponto de suplantar o próprio sentimento de pátria, e de fazê-lo insurgir-se e revoltar-se contra a autoridade e contra

a ordem política e social, para beneficiar-se de um regime nôvo que supõe será implantado em sua vantagem e com seu auxílio.

A TÉCNICA DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

A técnica da guerra revolucionária já tem hoje os seus teorizadores que, partindo da própria experiência vitoriosa, sistematizaram o uso dos meios e processos a serem empregados, dentro de fases bem definidas. Uma constante, porém, entre todos os doutrinadores, é a advertência de que o processo teoricamente sistematizado deve ser adaptado ao caso particular de cada país.

O ponto-de-partida é o estudo, tècnicamente conduzido, para descobrir, na realidade nacional, os elementos geográficos, ecológicos e sociais propícios ao movimento. Só este conhecimento objetivo permitirá a elaboração do plano que adapte as regras gerais aos casos concretos. Para a eclosão da guerra revolucionária umas regiões do país são mais favoráveis que outras e o mesmo se diga das outras fases do processo. Este conhecimento permitirá, além disto, a preparação do ambiente, pela exploração das contradições internas, através de tôdas as técnicas de propaganda.

À medida que esta operação progride, obtendo sempre pequenos triunfos sucessivos e escalonados, procede-se à criação de um clima revolucionário, através da exacerbação dos complexos.

O complexo reivindicatório, de sentido puramente econômico, que inspira e promove movimentos sucessivos de opinião, fazendo surgir nova reivindicação sempre que é atendida uma anterior. É o que se procura despertar particularmente no operariado das emprêsas e organizações dos principais serviços urbanos e de transportes interestaduais. O regime inflacionário, cujos efeitos alcançam mais diretamente a massa operária e a classe média, facilita a criação desse complexo.

O complexo de promoção social, que se opõe ao sentido de estabilidade e de equilíbrio, estimulando a inquietação, arregimentando os diversos grupos sociais, de modo a criar problemas de inconformação e de descontentamentos.

O complexo xenófobo, que deforma e extrema o sentimento nacionalista para confundir-lo e alimentá-lo sob a forma de antiestrangeirismo. Sob a sua ação, as massas podem ser conduzidas a tôdas as atitudes, inclusive à violência e à revolta. Basta que os seus líderes interpretem e julguem como perniciosos aos interesses do país a política de determinada nação. É a palavra de ordem para o desencadeamento de uma série de ações, por vários meios, inclusive a violência, a depredação de prédios de embaixadas, de insultos. Tudo se passa como se se tratasse de questão de honra para o país, considerado ofendido em seus interesses mais legítimos, o que constitui processo de subtrair as massas à orientação do govêrno, tornando-o no seu entendimento suspeito e antipopular, sempre que as suas atitudes e o seu pensamento não coincidam com as do interesse dos líderes revolucionários, que obedecem, necessariamente por intermédio do PC, à orientação diferente e única, que lhe é ditada pelos propósitos revolucionários. A esta altura, a própria sinceridade patriótica dos chefes militares chega a ser posta em dúvida e acusada de desservir aos interesses do país e do povo, quando e como convém à demagogia revolucionária e à técnica da revolução.

Complexo de libertação, que subentende um regime de opressão, insurgindo-se contra êle de modo a obter liberdade de atitudes e movimentos, livres de qualquer tutela, com o que transmite às massas o sentimento de rebeldia contra qualquer outra orientação, o que se utiliza como processo para separá-la da autoridade constituída, sobretudo no campo político, econômico e educacional.

Enquanto êste clima revolucionário se vai saturando, organiza-se a estrutura revolucionária. A primeira fase desta organização pode ser denominada de fase de implantação. Os seus objetivos sucessivos devem ser adaptados ao clima social e político do espaço-ambiente em que se processa a ação revolucionária, escolhendo-se sobretudo as áreas mais vulneráveis e menos controladas da zona rural, particularmente onde se reúnem a ignorância e o pauperismo da população. A ação parlamentar e a imprensa se benefi-

ciam das liberdades da democracia, para debilitá-la e combatê-la.

Na segunda fase da organização pròpriamente dita do movimento revolucionário para a conquista do poder, estabelecem-se as bases do dispositivo da luta ativa. Forma-se a estrutura do comando que a dirigirá, com a respectiva hierarquia de valôres, que atuará paralelamente, para derubar a do sistema vigente e substituí-la, quando fôr o caso. Procede-se, então, à mobilização dos elementos de execução, dentro de planos elaborados cuidadosamente, sob a direção da cúpula do comando partidário. Estabelecem-se as linhas estruturais do dispositivo de luta, mantendo-se a cadeia de comando, pela criação das chamadas hierarquias paralelas, em oposição ao organismo da autoridade constituída. Instalam-se as bases de apoio, que se multiplicam e se entrosam, cobrindo, em seu conjunto, as zonas liberadas. Com base nesse dispositivo, tem lugar a ativação dos atos de violência, de terrorismo, à medida que se consolida a montagem do sistema da luta violenta.

A fase sucessiva caracteriza-se pelas medidas de militarização do dispositivo de luta, pelo aparecimento das milícias populares, com apoio nas massas, dentro das áreas selecionadas como propícias ao desenvolvimento da fase armada da guerra revolucionária. Nelas deve ser mais acentuada e mais fácil a solidarização do povo, já submetido à vontade e liderança do comando da revolução. As condições de vida do povo devem ser exploradas para levá-lo a essa atitude. Aproveitam-se também as circunstâncias geográficas mais favoráveis, a situação de terras de fronteira, as linhas de suprimento, os problemas econômicos próprios, a deficiência das fôrças do govêrno e outras vulnerabilidades da nação. Trata-se nesta fase de substituir a autoridade de direito por uma autoridade de fato, aceita e proclamada pelas fôrças da revolução, caracterizando-se pela subversão pròpriamente dita, isto é, pela luta armada, com apoio da massa, já devidamente preparada, com base no monopólio da opinião. É a fase pròpriamente militar da guerra revolucionária.

Como se percebe, a guerra revolucionária é algo de completamente original, na história da guerra. Tôda a sua técnica se resume nesta idéia: ela mobiliza uma ação total, agindo no plano ideológico, social, político, econômico, cultural e militar. Entretanto, as primeiras e mais longas fases de suas operações movimentam-se em atividades que podem ser apresentadas à opinião pública como situadas dentro do quadro da legalidade. No momento em que elas começam a romper êste quadro, é porque já se julgam bastante fortes para enfrentar a luta no plano propriamente militar. Mas, neste momento, se não houve êrro na cronometragem, já é tarde demais para a ação das forças armadas. O assalto ao poder já se tornou irresistível.

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA E A CONJUNTURA BRASILEIRA

1. *Síntese Retrospectiva*

A evolução do movimento revolucionário no Brasil se processou sob a influência da revolução russa de 1917, a partir de 1921, quando foi organizado, no Rio de Janeiro, o "Grupo Comunista" que, já no ano seguinte, editava uma publicação mensal intitulada *Movimento comunista*.

A vinculação do PCB com Moscou verificou-se em 1923, a partir de quando surgem no Rio e São Paulo novas publicações de caráter comunista, inspiradas na orientação da Terceira Internacional.

Em 1927 é fundado o "Bloco Operário e Camponês" com programa de infiltração nos meios proletários e agrícolas.

A revolução triunfante em 1930 criou a legenda heróica de LUÍS CARLOS PRESTES, que se filiou, então, ao Partido Comunista, do qual se tornou líder, depois de visitar Moscou. Sob sua direção, surgiram organizações comunistas, com participação de alguns elementos na Marinha e, em particular, no Exército, o que deu lugar ao movimento de 27 de novembro de 1935.

Despertada a consciência nacional, o govêrno atuou, firmemente, contra a ação e a propaganda revolucionária, sobretudo durante o regime forte instaurado em 1937.

A segunda guerra mundial, em que o Brasil combateu o nacional-socialismo, ao lado do mundo ocidental, então solidário com a Rússia, propiciou ambiente para o ressurgimento do comunismo, sendo os seus principais líderes favorecidos pela anistia concedida em 18 de abril de 1945. Em 1946, o PCB passou a ter existência legal, obtendo Luís CARLOS PRESTES, como seu representante, um total de 160.000 sufrágios para Senador, no atual Estado da Guanabara, e cêrca de 600.000 para Presidente da República. A representação do PCB no Congresso era de um senador e quatorze deputados, quando os respectivos mandatos foram cassados, em virtude da Lei de 7 de janeiro de 1948. Já então a sua estrutura estava estabelecida, com bases em vários Estados, células operárias, delegados sindicais, o que lhe permitiu atuar na clandestinidade e negociar o apoio político do substancial eleitorado de que já dispunha.

Dessa forma, firmou-se o comunismo com o seu poder político, para dar cobertura às reivindicações do programa partidário, através de elementos infiltrados em partidos legais, dispondo, ao mesmo tempo, de influência política para tomar posição na organização do Governo Federal e de alguns Estados e para conquistar facilidades outras, em proveito da consolidação e expansão de suas bases. Muitas liberdades e liberalidades foram, progressivamente, asseguradas à sua ação, em nome dos princípios democráticos e das garantias constitucionais, ao mesmo tempo que cresceram os órgãos vermelhos de publicidade, tornando-se mais agressivos nas críticas à autoridade e às instituições.

Surgiram, por outro lado, sob a inspiração do PCB, vários movimentos de opinião, explorando temas antiimperialistas, apresentando o trabalhador como vítima do Estado, estimulando a luta de classes, menosprezando as forças armadas, pregando e exaltando as greves e a desordem. Tudo isto constitui prova flagrante de uma coordenação superior muito ativa e inteligente, com sólida base financeira, em franca atividade revolucionária no campo político e psicológico, claramente identificável. As ligações culturais e o intercâmbio com os países da "cortina de ferro" intensifica-

ram-se na mesma medida em que ganhou proporções a campanha antiimperialista, num sentido quase que exclusivamente antiamericanista, sobretudo na interpretação facciosa e na malícia com que passaram a ser entendidos os fatos internacionais.

2. *Quadro atual*

Antes de tudo, consideremos, no quadro global, a posição das Américas do ponto-de-vista dos possíveis objetivos estratégicos da guerra revolucionária.

Ressalta, logo, o objetivo principal: o bastião "imperialista" formado pelos Estados Unidos, cujas condições de poder nacional e cuja posição geográfica não favorecem a ação revolucionária direta. Aconselham antes o enfraquecimento de sua posição dentro do Continente, através de atuação nas áreas propícias, que, ao mesmo tempo, comprometam a sua situação de liderança de grandes espaços e grandes mercados e proporcionem o estabelecimento de bases geograficamente mais próximas.

Para isso, a América do Sul oferece mais fáceis condições de penetração e de conquista, mas, por outro lado, cria obstáculos pelas distâncias ainda relativamente grandes e difíceis de dominar no seu conjunto, inclusive pelas condições diferentes, geo-econômicas e político-ideológicas com que se apresenta.

O ponto de aplicação de forças mais indicado parece estar, pela sua repercussão favorável, na América Central. É uma cunha no dispositivo da defesa continental, permitindo a ação posterior, sobre a América Latina. Justifica-se assim a compreensão de que Cuba representa, na atual conjuntura, o papel de uma espécie de "porta-aviões" soviético nas Américas.

Observemos, agora, o Brasil, dentro do conjunto das Américas, em suas vulnerabilidades internas, e exposto, ao mesmo tempo, às ações externas facilitadas pela ameaça cubana ao sistema de segurança coletiva no qual está êle integrado.

Êste quadro nacional revela vários aspectos importantes para o ponto-de-vista que nos preocupa. Em primeiro

lugar, a grande extensão do território e o problema dos transportes dificultam e retardam a presença ativa de um poder central sôbre as áreas mais distantes, algumas delas com pequena densidade demográfica, econômicamente muito mais fracas e extremamente atrasadas, quando não praticamente abandonadas, diante de problemas sérios de sobrevivência. É o caso do Nordeste, que, por coincidência, ressalta ao primeiro exame como área de primordial importância do ponto-de-vista da estratégia global, no conjunto das Américas. Em segundo lugar, é notório, no Brasil, o desequilíbrio sociológico, apresentando-se com vários aspectos vulneráveis:

— o pauperismo, no Nordeste, põe em perigoso contraste o trabalhador do campo e da cidade, sobretudo fora da área do sertão, em face do senhor de engenho e do industrial. A situação se agrava com certas contradições do regime agrário, facilmente exploráveis como fator de intranquilidade social, servindo de base à demagogia política e facilitando a criação de um quadro subversivo;

— problema agrário idêntico existe no Oeste do Paraná, no Estado do Rio, e, com menor gravidade, em outras áreas do Brasil, interessando, sobretudo, ao agricultor;

— o baixo índice de padrão de vida da classe proletária, em face do custo de vida, em contraste com o progresso de certas empresas industriais, principalmente as vinculadas ao capital estrangeiro, agrava-se com a política inflacionária dos últimos tempos, inclusive com o paliativo do salário-mínimo. A própria classe média começa a ser envolvida num processo de proletarização que serve de base à luta entre operários e patrões, facilmente explorável para a criação de um clima de constante e perigosa inquietação social;

— o quadro dêsse desequilíbrio e do problema dos salários, hábilmente explorado para fins políticos, permite não só que se instigue a luta de classes, como também que se acelere a criação do falso conceito de que, dentro dêle, "o militar exerce atividade não produtiva, parasitária, desnecessária, além de muito onerosa para a nação", o que constitui técnica hábil para impopularizar as forças armadas, apesar da sua formação eminentemente popular;

— outro fator grave de inquietação social, com base na luta de classes, é o da frente única que procuram estabelecer os agentes agitadores entre os estudantes e os sindicatos profissionais, através de minorias atuantes, para a ação conjunta na luta contra o princípio de autoridade, a pretexto de qualquer reivindicação mais importante, julgada do interesse de uns e de outros.

Em terceiro lugar, não se deve omitir as possibilidades que as condições nacionais oferecem ao apoio exterior à ação revolucionária. É evidente que os PC, com organização estabelecida no território nacional, vinculados, como estão, à orientação do comunismo internacional, constituem bases para o recebimento do apoio para o desenvolvimento da ação revolucionária no país. Quanto, porém, ao recebimento de recursos militares, para operações, terão que estabelecer, primeiro, "áreas liberadas", geograficamente favoráveis, na fase mais adiantada do processo revolucionário.

Para êsse fim, as mais favoráveis são as regiões de fronteira, levando-se em conta a situação do PC, com relação ao governo do Estado vizinho, no caso de fronteira terrestre. A fronteira marítima é também muito indicada, sobretudo quando oferece pontos de desembarque clandestino, inclusive porque facilitará, mais tarde, ao governo revolucionário, o franco apoio exterior e até o seu reconhecimento. Os eixos ferroviário e rodoviário, como as regiões montanhosas, oferecem também boas condições para o tráfego clandestino, para as ações de guerrilhas e para assegurar a autonomia relativa da revolução. Finalmente, as fronteiras litigiosas entre Estados da Federação permitem tirar partido da agitação e dos conflitos de autoridade.

A atual conjuntura brasileira demonstra que os principais pontos de aplicação do esforço revolucionário obedecem a tais princípios. Destaca-se nesse sentido a situação do Nordeste. Outras zonas visadas são: a zona litigiosa entre Minas Gerais e o Espírito Santo, o Triângulo Mineiro, o Vale do Rio Doce, o Oeste paranaense e o Estado do Rio, com acesso por Angra dos Reis e Cabo Frio. Em tôdas estas zonas tendem a acentuar-se as atividades subversivas e as lutas de reivindicações, através de organizações rurais, de

diferentes denominações: as "Ligas Camponesas" do Nordeste, a "Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de Minas Gerais" e a "Sociedade Civil de Proteção aos Lavradores" no Estado do Rio de Janeiro.

As concentrações mais importantes incidem preferentemente sobre áreas afastadas das sedes dos Municípios, onde predomina a atividade agrícola, não havendo interesse pelas terras de pecuária, a não ser no caso específico do Triângulo Mineiro, que é ponto de junção e importante centro de atividades subversivas.

Além do Nordeste, onde o processo já está em fase muito mais adiantada, como é notório, são de destacar as seguintes concentrações: no Estado do Rio: Nova Iguaçu (Queimados e Japeri), Parati (encostas orientais da Serra Geral), Cachoeira do Macacu, Região do Rio da Aldeia Velha (Casimiro de Abreu e Silva Jardim), Itaperuna e Macaé, na região ocidental. Em Minas Gerais, as principais concentrações se localizam no Vale do Rio Doce, principalmente em Governador Valadares, Mantena (zona litigiosa), Caratinga, Aimorés e Teófilo Otôni.

Devemos fazer alusão, a seguir, à relação das forças político-militares. É evidente a existência de uma minoria atuante, devidamente exercitada, como base essencial para o desenvolvimento da ação revolucionária, que tal é o papel representado, como núcleo e força de expansão, pelo Partido Comunista. Embora não tenha vida legal, êle atua em todos os setores vitais das atividades do Estado, polarizando, despertando e explorando as suas vulnerabilidades e as suas contradições, inclusive pela expressão eleitoral com que, mesmo na clandestinidade, se faz presente e influi nas atitudes e no comportamento do povo, adquirindo poder próprio para investidas progressivamente mais fortes e mais organizadas no sentido da conquista dos seus objetivos e dispondo, para isso, de orientação e de apoio do exterior.

Um dos objetivos imediatos destas investidas é a ação sobre as forças armadas tendente a debilitar nelas sua estrutura hierárquica e seu espírito de disciplina. Isto porque as forças armadas não minadas podem vir a tornar-se um obstáculo sério na última fase da guerra revolucionária,

quando se tratar já de passar para a ação militar. Ainda recentemente um escritor militar soviético preconizou as seguintes medidas: "Uma das nossas tarefas militares primordiais e fundamentais, independentemente da situação política, é o problema da decomposição das forças armadas do Estado burguês, o trabalho político no exército, na polícia, na marinha e em tôdas as organizações voluntárias da burguesia. Se o exército e a polícia, bem instruídos, do ponto-de-vista militar, dotados de todos os meios modernos, comandados por um excelente corpo de oficiais, sustentados por grupos fascistas, como em todos os países, se batem efetivamente contra a revolução, têm êles capacidade para reduzi-la a nada, apesar de tôdas as outras condições favoráveis ao sucesso do nosso movimento". (M. G.: *Problemas da Insurreição*. Moscou. Edições do Estado).

Este esforço de decomposição das forças armadas, sistemático mas sorrateiro em tempo de paz, pode ser levado a um paroxismo acintoso em tempo de luta. Tal é o caso da atitude do exército soviético da Ucrânia, em setembro de 1939, sob o comando de TIMOCHENKO, ao dirigir ao exército polonês a seguinte proclamação:

"Soldados, que é que vos resta? Por que e com quem lutais? Por que arriscar a vossa vida? Os oficiais que vos conduzem a um massacre insensato vos odeiam, a vós e a vossas famílias. Não acrediteis em vossos oficiais, porque êles e os generais são vossos inimigos. Êles querem vossa morte. Soldados! Matai vossos oficiais e generais. Não obedçais às suas ordens. Expulsai-os de vossas terras. Passai, sem receio, para o lado dos vossos irmãos do exército vermelho que, então, encontrareis a atenção e a amizade."

Importa por fim ter presente a despreparação da consciência nacional em face das ameaças da guerra revolucionária. Este fator se torna ainda mais perigoso pelo desequilíbrio social, pelo egoísmo generalizado dos que podem corrigi-lo ou atenuá-lo, pela chocante disparidade das condições com que se defronta, nas mesmas cidades, nos mesmos bairros e até nas mesmas ruas, a exibição do luxo e do supérfluo com quadros ostensivos e tristes de pobreza e dificuldades.

Há, ao lado de tudo isso, uma decadência moral grande e indisfarçável, que se reflete ou se origina no próprio quadro da família, base da sociedade. Enfraquecem-se, na ausência de medidas saneadoras e de uma reação eficiente, os sentimentos mais nobres, a começar pelo civismo do cidadão, em que repousam fundamentalmente a grandeza e a estabilidade da pátria. Os redutos mais fortes das virtudes essenciais ao reerguimento social são, sem dúvida, o lar, a Igreja, a escola e o quartel. É fácil verificar que sôbre êles, precisamente, procura investir, para enfraquecê-los, menosprezando ou neutralizando a sua ação educativa, o trabalho tenaz e sutil de solapamento que propicia condições desfavoráveis à estabilidade da estrutura social.

CONCLUSÃO

Creemos que as palavras de PAUL HENRY SPAAK, na conferência internacional sôbre a guerra política, reunida em Paris, em dezembro de 1960, resumem perfeitamente o sentido de advertência contido nestas linhas: "A democracia não está ameaçada no campo de batalha, mas no reduto das suas próprias instituições, em suas universidades desvirtuadas, nos seus sindicatos contaminados, nos seus jornais infiltrados, na suas associações influenciadas, na cegueira das suas elites e na mistificação das suas massas populares. A democracia se obstina em preparar-se para a guerra convencional ou nuclear, ao passo que progride, sem ser revidada, a guerra política que, há mais de quinze anos, procura enfraquecê-la e dominá-la. Ela perde a sua fôrça, por fora e por dentro, não pela supremacia de uma fôrça superior, mas pelo trabalho de uma longa conspiração que atua em surdina e no meio dos homens, em todos os níveis, nos bairros, nos salões, nas oficinas, por processos técnicos altamente aprimorados, difícilmente neutralizáveis".

Já é tempo de verificar se, para o Brasil, tal advertência não tem o sentido de um último e desesperado alerta.